

Ideologias do capital no “Cinema Ambiental” Dominante: Reflexões a Partir De Documentários Da Netflix ¹

Ana Paula Bragaglia ²

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

Estuda-se como o capitalismo neoliberal é representado no cinema ambiental dominante, focando os documentários disponíveis na Netflix “Rompendo barreiras: nosso planeta” (2021) e “Mission Blue” (2013). A metodologia empírica utilizada foi a Análise Crítica de Discurso (THOMPSON, 1995), visando evidenciar “modos de operação ideológica” a serviço do capital. Como principais resultados, observou-se a presença de ideologias individualistas neoliberais via discursos de responsabilização do indivíduo pelos problemas socioambientais e de afirmação do próprio sistema econômico como viabilizador das soluções para a crise climática contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE

Cinema ambiental; crise climática; ideologias do capital; economia política.

1 Trabalho apresentado no GP Cinema, no XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Professora do curso de Cinema (Departamento de Artes) da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Líder do grupo de pesquisa ESC – Ética (para além) da Sociedade de Consumo. E-mail: ana.paula.bragaglia@ufsc.br.

CORPO DO TEXTO: limitações do “cinema ambiental” dominante como resistência anticapitalista necessária à preservação ambiental - análise

Esta pesquisa analisa se e de que forma o cinema ambiental dominante, representado por documentários da Netflix, vem enfatizando agentes e cenários do capitalismo neoliberal contemporâneo como principais responsáveis pela crise climática global em curso. O presente resumo expandido consiste na compilação de alguns dos dados da pesquisa que originou o capítulo “Ideologias do capital como forma de persuasão indireta no cinema ambiental hegemônico”, publicado em dezembro de 2023 por esta proponente com a co-autoria de Luna-Nina Vanzella Cândido, Julia Santos Rodrigues Dias e Fernanda Magalhães (BRAGAGLIA; MAGALHÃES; DIAS CÂNDIDO, 2023), na obra “A dissimulação na sociedade de consumo: um olhar crítico sobre as estratégias de persuasão indireta no marketing” (BRAGAGLIA; BURROWES, 2023). Este texto é submetido apenas por uma das autoras, por se tratar das etapas de análise e escrita do capítulo que couberam a ela durante a confecção da referida publicação.

A pesquisa que originou tal material em 2023 está em andamento, com projeto previsto para ocorrer pelo menos até setembro de 2025, prazo de edital de bolsas concedidas na UFSC. Atualmente, estão sendo analisados outros documentários produzidos e/ou distribuídos por esta plataforma digital além dos aqui comentados, bem como filmes do cinema ambiental periférico do FICA Garopaba – Festival Internacional de Cinema. O intuito é compreender dicotomias e aproximações entre estes dois formatos de cinema entendidos como ambiental e enaltecer estratégias de luta e resistência anticapitalistas, bem como a classificação efetiva de cinema ambiental já observadas no citado festival anualmente realizado no litoral catarinense desde 2022 que vem sendo estudado por nossa equipe há cerca de um ano. Com este esforço investigativo, espera-se contribuir com a autêntica luta pela preservação ambiental através do cinema, que se faz apenas por meio da denúncia enfática e contínua dos agentes e cenários do capital como principais responsáveis pela devastação ambiental.

Até este momento, no que tange ao percurso investigativo sobre filmes da Netflix, foi possível analisar os documentários “Rompendo barreiras: nosso planeta” (2021, diretor Jonathan Clay, 1h14min) - no título original em inglês, *Breaking Boundaries: the Science of Our Planet*³, e *Mission Blue*⁴ (Robert Nixon, 2014,

³ **ROMPENDO barreiras: nosso planeta** (*Breaking Boundaries: the Science of Our Planet*). Direção: Jonathan Clay. Produção: Jonathan Clay. Inglaterra (Bristol/Londres); Dinamarca (Esbjerg): Silverbak

1h34min). Estes filmes foram selecionados para análise por serem os únicos dois que surgiram em estilo de “denúncia” com o selo “Original Netflix” entre as doze (12) obras listadas pela plataforma em seu catálogo de “Documentários inspiradores sobre natureza e meio ambiente” (categoria que apareceu ao ser digitada a palavra “Ambiental” no campo de busca do site de *streaming*).

Para a análise dos documentários, adotamos e seguimos utilizando principalmente a Análise Crítica de Discurso, de Thompson (1995), pela qual é possível desvelar “modos de operação ideológica”, que nos levam a compreender melhor as ideologias do capital presentes inclusive nas construções discursivas cinematográficas. Como método de reflexão teórica, optou-se pela “Teoria Crítica” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985) e pelo “Materialismo-histórico-dialético” (MARX, 1867 apud GORENDER, 2020), pois as ideologias do capital consistem justamente em contradições ou “camadas” que camuflam forças de dominação (do capital) que tais metodologias recomendam analisar para se chegar a um estudo aprofundado das mais diversas realidades.

O modo de produção entendido como capitalismo, sistema dominante da contemporaneidade, instaura-se efetivamente a partir da ocorrência da Revolução Industrial inglesa, que se deu no período entre o final do século XVIII até meados do século XIX. Neste regime econômico, “a riqueza [...] aparece como uma ‘enorme coleção de mercadorias’, e a mercadoria individual como sua forma elementar” (MARX, 2011 [1867], p. 158 apud BRAGAGLIA, 2021) A base deste sistema é a mercadoria ou a mercantilização (GOUVÊIA, 2020a). Para a produção, circulação (venda) e o consumo de mercadorias, o capitalismo se baseia tanto na exploração da mão-de-obra das pessoas (e também dos consumidores), quanto da natureza, exaurindo recursos naturais e devolvendo ao meio ambiente imensas quantidades de lixo, seja na forma de moléculas tóxicas, micropartículas, seja como objetos sólidos. (GOUVÊIA, 2020b)

A ligação direta entre a pandemia de Covid-19 que recém nos assolou e o modo de produção capitalista hegemônico vigente é um bom exemplo para visualizar este

Films; *Boundarie Productions Limited; Fonden Climate Planet Foundation*, 2021. 74min. Disponível em: <https://www.netflix.com/>. Acesso em: 02 mai. 2024.

⁴ **MISSION Blue**. Direção: Fisher Stevens; Robert Nixon. Produção: Erik H. Gordon; Fisher Stevens; Robert Nixon; Jack Youngelson; Mark Monroe; Peter R. Livingston Jr. Nova Iorque (Estados

ciclo potencialmente danoso entre capitalismo e meio ambiente. Ao desmatar, o que, no Brasil, ocorre principalmente para se conseguir áreas de criação de gado e cultivo de monoculturas como soja, a biodiversidade tende a diminuir e, desse modo, espécies portadoras de agentes patógenos, como vírus diversos, ficam sem predadores naturais e se multiplicam descontroladamente. Em consequência, aumentam-se exponencialmente as chances de tais patógenos terem contato com seres humanos. (REVISTA PESQUISA FAPESP, 2020; BRAGAGLIA, 2021; GOUVÊIA, 2020a)

Este quadro ajuda a criar e/ou intensificar também a crise climática nitidamente observada nos mais variados locais do globo atualmente. Entre seus efeitos recentes, tendo em vista o mês de maio de 2024, tem-se, por exemplo, as dramáticas inundações por que passaram as populações de cidades diversas do Rio Grande do Sul. Esse e muitos outros cenários que têm lastimado a vida de tantos seres humanos e outras formas de existência são justificativas suficientes para se estudar ações que se colocam a favor da preservação ecológica, como é o caso do efetivo cinema ambiental ou de outro tipo de obras que (equivocadamente) se definem como tal. Posto isso, inicia-se a seguir a análise dos documentários escolhidos para serem apresentados neste texto.

“Rompendo Barreiras” é protagonizado pelo “cientista sueco Johan Rockström, que também é um dos seus produtores associados, junto a Owen Gaffney”, e o midiático David Attenborough, que atua como narrador na obra. Conforme mostra a sinopse colocada no canal da Netflix no YouTube, o filme “conta [...] que a humanidade empurrou a Terra para além dos limites que [a] mantiveram [...] estável por 10.000 anos [...] e oferece as soluções [...] se quisermos proteger os sistemas de suporte à vida [...]” (NETFLIX CANAL YOUTUBE, 2021 apud BRAGAGLIA; MAGALHÃES; DIAS; CÂNDIDO, 2023, p. 346). Abaixo, tem-se dados das biografias resumidas de Rockström e Attenborough:

Entre as principais qualificações do cientista Rockström estão [...]: “diretor do Instituto Potsdam de Pesquisa de Impacto Climático, professor do Instituto de Ciências da Terra e do Meio Ambiente da Universidade de Potsdam e professor de Sistemas de Água e Sustentabilidade Global na Universidade de Estocolmo” (PIK, 2023); “fundador do *Stockholm Resilience Centre*” e “chefe de Aconselhamento Científico da *Conservation International*” (DIVULGAÇÃO NETFLIX, 2023). [...] palestrante em reuniões do Fórum Econômico Mundial (WEF) [...] Outro protagonista [...] é um ícone ambientalista [...] da juventude ativista, David Attenborough. Com [...] 93 [anos] na ocasião das gravações [...] se formou em Ciências Naturais

Unidos): Mission Blue Sylvia Earle Alliance; Hope Spots Company Inc., 2013. 94 min. Disponível em: <https://www.netflix.com/>. Acesso em: 02 mai. 2024.

na Universidade de Cambridge e se tornou apresentador, locutor, realizador de audiovisuais diversos sobre natureza e preservação ambiental a partir de 1950. [...] também esteve [...] no Fórum Econômico Mundial. [...] “fez um discurso apaixonado [...] “Precisamos ir além da culpa ou responsabilização [das indústrias] e botar a mão na massa com as tarefas práticas que temos pela frente [individuais]. (BRAGAGLIA et al, 2023, p. 346)

Em quase todo o texto do filme, o discurso adotado é a primeira pessoa do plural (“nós”). Esse tipo de sujeito frasal transmite a mensagem de que todos nós, seres humanos, somos igualmente responsáveis, em uma mesma proporção de atuação, pela proximidade do fim da vida no planeta Terra. É o que sugere tanto o texto da sinopse quanto falas dos protagonistas no Fórum Mundial de Davos, evento bastante representativo do modelo econômico capitalista neoliberal (uma das falas colocadas na citação anterior). O agronegócio é citado por mais de um entrevistado e cenas de desmatamento, entre outras, aparecem na obra. Mas, ao terminar de ver o documentário, a percepção é de que não são as indústrias e os governos que as apoiam os principais responsáveis pela degradação ambiental em crescimento e, sim, cada pessoa comum que não adotar as soluções individuais apresentadas por Rockström e Attenboroug. (BRAGAGLIA; MAGALHÃES; DIAS; CÂNDIDO, 2023)

O agronegócio e “práticas muito agressivas” de agricultura, principalmente soja, bem como de pecuária, são citados por mais de um cientista, e ao longo do filme são apresentadas imagens de grandes campos de monocultura da soja, tratores e motosserras derrubando árvores e colhendo grãos, chaminés de fábricas poluindo os céus. No entanto, na racionalidade discursiva dos porta-vozes do documentário, somos sempre “nós”, de igual modo, que levamos o planeta para as zonas de perigoem que nos encontramos. (BRAGAGLIA et al, 2023, p. 349-350)

Esta mudança do sujeito da frase de “Eles” (instituições — agentes do capital) para “Nós” (indivíduos, seres humanos em geral) pode ser entendida um “modo de operação ideológica” (THOMPSON, 1995). Entre os “modos de operação ideológica” que Thompson (1995) lista ao apresentar seu método “Análise Crítica de Discurso”, pode-se dizer que está em uso no filme a “Dissimulação”, que se dá quando “relações de dominação” são “estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem ocultadas, negadas ou obscurecidas, ou [...] representadas de uma maneira que desvia nossa atenção [...]” (THOMPSON, 1995, p. 83)

A “Eufemização” é um tipo de “Dissimulação” observada nesta construção discursiva, e consiste na suavização de aspectos negativos de quem se deseja defender

(THOMPSON, 1995, p. 84). É justamente essa amenização o que se parece buscar com a adoção de um sujeito indeterminado amalgamado em “todos nós” e não nomes específicos de empresas, governantes e outras instituições. Quem é favorecido com essa dissimulação-eufemização são as instituições a cargo do capitalismo neoliberal (o “capitalista ensandecido”, de Marx), que, ao serem ocultadas na maior parte da obra, acabam por terem suavizada sua responsabilidade na devastação ambiental em franco andamento. (BRAGAGLIA; MAGALHÃES; DIAS; CÂNDIDO, 2023)

Esse tipo de construção discursiva relacionada à alteração do sujeito da frase também corresponde ao modo de operação ideológica “Reificação”, no sentido de agir através da “retratação de uma situação transitória, histórica, como se essa situação fosse permanente, natural, atemporal”. Afinal, trocar “Eles” (instituições capitalistas) por “Nós”, em uma estratégia de “Reificação” similar a um modo mais preciso denominado “Nominalização/Passivização” (THOMPSON, 1995, p. 87), sugere justamente que o sistema econômico capitalista é algo natural, inquestionável, imutável. Isso porque tal abordagem indica que questionar tais agentes é algo que não pode ser feito, porque sua existência seria algo “natural”, impossível de ser revista.

Outra ideologia capitalista neoliberal que pode ser observada no documentário é a de que o próprio sistema capitalista consegue resolver os problemas que ele cria e não a sua superação. Isso pode ser observado, por exemplo, quando Rockström fala, entusiasmado, que uma significativa solução para os danos ambientais é o “*design* de produtos” baseado na reciclagem. Ou seja, a produção de mais mercadorias ou o chamado “modelo de crescimento sustentável” e não a diminuição radical deste fluxo, que está na raiz da crise climática, seria a solução proposta pelo apresentador. (BRAGAGLIA; MAGALHÃES; DIAS; CÂNDIDO, 2023)

Parte-se agora para a análise preliminar do documentário *Mission Blue*, a qual ainda está em construção. Como consta na sinopse divulgada pela Netflix, “este documentário retrata a campanha da oceanógrafa Sylvia Earle para salvar os oceanos do mundo de várias ameaças, como a pesca abusiva e os resíduos tóxicos”. (DIVULGAÇÃO NETFLIX, 2024) No elenco, a própria cientista Sylvia Earle, o cineasta James Cameron, Michael deGruy, entre outras pessoas que trabalham, trabalharam e/ou que admiram a protagonista.

Assim como em “*Rompendo Barreiras*”, alguns trechos trazem a denúncia explícita de que governos e indústrias são responsáveis pela destruição ambiental, e especificamente, no caso deste filme, pela poluição dos oceanos e aumento do nível de

extinção de seres subaquáticos. De fato, algumas falas apresentam como agentes dos enunciados um sujeito na terceira pessoa caracterizado, por exemplo, pela agropecuária, cujo excesso de fertilizantes agrotóxicos são absorvidos pelos mares, e pela indústria petrolífera, que protagonizou, entre outras catástrofes, o imenso vazamento de óleo decorrente da explosão de uma plataforma no Golfo do México em abril de 2010.

Contudo, a carga negativa destes agentes é amenizada por “modos de operação ideológica” de “Eufemização” atuando por meio da técnica de desviar a atenção, em todo o documentário, para a vida pessoal (casamento, maternidade, história de sua paixão pelo mar, etc.) e luta individual da cientista Sylvia Earle em prol dos oceanos. Além disso, o fechamento do documentário deixa claro o retorno à massa atomizada e não às indústrias e instituições públicas como solucionadora dos problemas ambientais. Isso porque o fechamento é uma convocação assertiva a que cada espectador (individual) contribua com doações financeiras para a organização não governamental *Mission Blue / Sylvia Earle Alliance*, liderada pela oceanógrafa nos Estados Unidos:

A ação é urgente para explorar e proteger os oceanos, **além dos governos locais**, nos oceanos profundos sem regulamentação que ocupam metade do mundo. **Você** pode ajudar a proteger o coração azul do planeta. Para se juntar à Sylvia em sua Missão Azul, visite www.missionblue.org. (grifo da autora)

Mais uma vez, é emanada a ideologia individualista tipicamente neoliberal e capitalista de que cada pessoa contém todas as ferramentas essenciais pelo seu sucesso, assim como para a manutenção da vida no planeta. Dessa forma, até mesmo produções cinematográficas que parecem, à primeira vista, aos olhos do senso comum, documentários ativistas em busca de mudanças sistêmicas, podem favorecer justamente a perpetuação dos cenários que mais degradam a vida na Terra. O próprio cinema (dominante) funcionando uma vez mais como ideologia do capital, desta vez no formato crível de documentário e com a suposta neutralidade da defesa do meio ambiente.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BRAGAGLIA, Ana Paula. A dissimulação das marcas em tempos de Covid-19: ideologias do capital e resistência no cotidiano pandêmico. In: FARBIARZ, Alexandre; CLEMENTE, Flávia;

SALDANHA, Patrícia; BERTOL, Rachel. (orgs.) **Mídia e cotidiano: novos diálogos e investigações**. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2021.

BRAGAGLIA, Ana Paula; MAGALHÃES, Fernanda; DIAS, Julia Santos R.; CÂNDIDO, Luna-Nina Vanzalla. Ideologias do capital como forma de persuasão indireta no cinema ambiental hegemônico. In: BRAGAGLIA, Ana Paula; BURROWES, Patricia C. (orgs.) **A dissimulação na sociedade de consumo: um olhar crítico sobre as estratégias de persuasão indireta no marketing**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2023.

DIVULGAÇÃO NETFLIX. **Rompendo barreiras: o caminho para um mundo mais limpo, saudável e pacífico** 22 abr. 2021. Disponível em: https://about.netflix.com/pt_br/news/breaking-boundaries-thescience-of-our-planet. Acesso em: 4 jun. 2024.

GORENDER, Jacob. Apresentação. In: MARX, K. **O capital: crítica da economia política. O processo de produção do Capital (Livro I)**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2011 [1867].

GOUVÊIA, Marina Machado. A culpa não é do vírus. In: MOREIRA, Elaine et al. (org.). Em tempos de pandemia: propostas para defesa da vida e direitos sociais. Rio de Janeiro: UFRJ, CFCH, Escola de Serviço Social, 2020a.

GOUVÊIA, Marina Machado. Aula 1: O Método. O Capital na quarentena: uma leitura antirracista, feminista e latino-americanista. Escola de Serviço Social (ESS/UFRJ), 2 maio 2020b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QpCqDYUIEfs>. Acesso em: 5 jun. 2024.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2020.

MARX, K. A mercadoria. In: **O capital: crítica da economia política. O processo de produção do Capital (Livro I)**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2011 [1867].

MARX, K.; ENGELS, F. **Feuerbach (Introdução)**. In: _____. A ideologia alemã (1845-1846). São Paulo: Boitempo, 2007.

MISSION Blue. Direção: Fisher Stevens; Robert Nixon. Produção: Erik H. Gordon; Fisher Stevens; Robert Nixon; Jack Youngelson; Mark Monroe; Peter R. Livingston Jr. Nova Iorque (Estados Unidos): Mission Blue Sylvia Earle Alliance; Hope Spots Company Inc., 2013. 94 min. Disponível em: <https://www.netflix.com/>. Acesso em: 02 mai. 2024.

REVISTA PESQUISA FAPESP. **O que desmatamento tem a ver com novas pandemias?** 17 ago. 2020. São Paulo: FAPESP, 2020.

ROMPENDO barreiras: nosso planeta (*Breaking Boundaries: the Science of Our Planet*). Direção: Jonathan Clay. Produção: Jonathan Clay. Inglaterra (Bristol/Londres); Dinamarca (Esbjerg): Silverbak Films; *Boundarie Productions Limited*; *Fonden Climate Planet Foundation*, 2021. 74min. Disponível em: <https://www.netflix.com/>. Acesso em: 02 mai. 2024.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 1995.